

Patrocínio



Apoio



Companhia filiada à



FEDERAÇÃO  
CATARINENSE  
DE TEATRO

Realização



Cia Andante  
Produções Artísticas



**Cia andante produções artísticas**

Rua Aurora Tabalipa, 140 - São João  
Itajaí - Santa Catarina - Brasil  
Fones: 47 3344.2664 - 47 9624.6790  
ciandante@gmail.com  
[www.cia-andante.com.br](http://www.cia-andante.com.br)



LambeLambe

Revista de Teatro Lambe-lambe  
Edição nº2 - 2011

Cia andante  
Itajaí - SC - Brasil

## Revista Lambe-lambe nº 2

### 1ª Mostra de Teatro Lambe-lambe de Itajaí

Coordenação: Cia andante

Revisão ortográfica: Sandra Knoll

Diagramação e programação visual: Leandro De Maman

Artigos: Ismine Lima, Denise Di Santos, Pedro Dias, Sérgio Tastaldi, Luciano Bugmam, Valeria Correa, Alice Ribeiro, Amara Hurtado, Leandro de Maman, Bia Barbato, Marcelo Mello, Mery Petty, Sandra Knoll, Laércio Amaral, Jô Fornari, Hermes Perdigão.

#### Índice das fotos:

Capa: Sandra Coelho; Contracapa: Jorge Silva; pp: 3 e 4 : Cia andante / Fabricia Prado; pp: 6, 7, 8 e 9 : Solange Valladão / Selo Cultura Viva 2010/ Cia andante; pp:10 e 11: Sandra Coelho; pp: 13 e15: divulgação do grupo; pp: 16 e 17: Sandra Coelho; p: 19: Camila Landon; p: 21: Sandra Coelho; p: 23: Fabricia Prado; p: 25: Mariana Moehlecke Ribeiro; p: 27: Jirlene Pascoal; pp: 28 e 29: Hermes Perdigão e Aline Guimarães; p: 31: Cristina Pretti; p: 33: Cia andante; pp: 34 e 35: José Matarezi; p: 37: Jorge Silva e Bia Alvarez; p: 39: Cia andante.

#### Agradecimento carinhoso:

À generosidade das criadoras desse Teatro que tanto nos encanta: Ismine Lima e Denise Di Santos.

Aos caixeiros da 1ª Mostra de Itajaí: Pedro Dias e Danielle Dantas, Sérgio Tastaldi e Marcia Pagani, Marcelo Martinez e Oscar de Oliveira, Daniel Tsunami e Dhio Adhelino, Valeria Correa, Luciano Bugmam, Camila Landon, Mônica Longo, Guilherme Peixoto e Manu Malan.

Aos dedicados oficinantes: Bia Barbato, Charles de Oliveira, Karin Romano, Laura Correa, Leandro De Maman e Alex Nascimento.

Às parceiras de José Matarezi, Roberto Gorgati, Willian Siewert, Fabricia Prado, Marcelo F. de Souza e Daniel Olivetto.

Aos patrocinadores e apoiadores.

E um agradecimento especial a Marcelo Mello e Mery Petty, parceiros na realização de sonhos.

## Sumário

- 5 Apresentação
- 6 O mundo precisa de Teatro Lambe-lambe (Ismine Lima)
- 8 O Lambe-lambe (Denise Di Santos)
- 10 Parece brincadeira (Pedro Boneco Dias)
- 12 Trecos, truques e traquitanas (Sérgio Tastaldi)
- 14 El instante, el secreto, el pequeño pedazo (Luciano Bugmann)
- 16 Esto es teatro Lambe-lambe (Valeria Correa)
- 20 Lambe-lambe e projeção (Leandro De Maman)
- 22 Lindonéia por Lindonéia (Bia Barbato)
- 24 Miniatura feita de luz (Alice Ribeiro)
- 26 Fisgada pelo Lambe-lambe (Amara Hurtado)
- 28 O Olhar encanta (Hermes Perdigão)
- 30 Apresentações do segredo da bruxa em Teatro Lambe-lambe (Mery Petty)
- 32 Nos tempos da globalização (Marcelo Mello)
- 34 Os rumos do Lambe-lambe (Sandra Knoll)
- 36 Sobre teatros e galáxias (Laércio Amaral)
- 38 O tempo das coisas (Jô Fornari)

*Revista dedicada a  
Antônio Bonequeiro (in memoriam)  
Primeiro caixeiro de Santa Catarina*







## Apresentação

Caros leitores!

É com grande alegria que a Cia andante tem o prazer de publicar a Revista Lambe-lambe nº 2.

Essa alegria tem bons motivos.

Em 2010 publicamos a Revista Lambe-lambe nº1 e ficamos com muita vontade de dar continuidade à publicação, porém, não tínhamos ideia de quando seria possível.

Então, em 2011, realizamos a **1ª Mostra de Teatro Lambe-lambe de Itajaí**, viabilizada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, cujo projeto contemplava a publicação da Revista Lambe-lambe nº 2.

Conscientes da importância desses registros, e também de sua disseminação, a exemplo do número anterior, essa edição foi construída em caráter colaborativo, isto é, seus textos são de autoria de vários artistas que, de uma forma ou de outra, possuem algum vínculo com a linguagem. A revista traz um breve panorama dos fazedores do Teatro Lambe-lambe, experiências, vivências e reflexões. Com escritos de suas criadoras Ismine Lima e Denise Di Santos, de participantes da 1ª Mostra de Teatro Lambe-lambe de Itajaí, de caixeiros profissionais e de iniciantes na arte das “caixas misteriosas”.

De norte a sul do país, observamos a expansão e a diversidade que vem caracterizando essa manifestação teatral após 22 anos de seu surgimento. Na Mostra de Itajaí tivemos inclusive a participação de representantes vindos do Chile e do Uruguai.

Nossa intenção é que este pequeno registro possa contribuir para a popularização, fomento, estímulo e pesquisa do Teatro Lambe-lambe.

A todos uma boa leitura!

# *O Mundo Precisa de Teatro Lambe-Lambe como as Cidades Precisam de Bicicletas*

SOMOS UM ESTILO DE FAZER TEATRO,  
NÃO SOMOS UM FORMATO!

**Ismine Lima**

Criadora do Teatro Lambe-Lambe  
Salvador - BA

Somos completamente compatíveis com o nosso tempo, um teatro sustentável e incluyente, “um teatro que pode ser carregado nas mãos”, “somos o Teatro Lambe-lambe feito no peito e na raça para os que têm fome de tudo, de teatro, de música, de leitura, de tudo que liberta”.

Um teatro que liberta o criador e a criatura, porque somos aprendizes e mestres ao mesmo tempo, porque não somos uma

hierarquia, a nossa natureza é a dialética no sentido de ter, ser, pertencer e aprender.

Estamos destecendo e não voltando. Andamos em torno do nosso círculo buscando a espiral do tempo, não para se contrapor, mas para o entendimento, para se apoderar do conhecimento adquirido e tecê-lo em outro movimento. O movimento da criação, da liberdade, da brincadeira e do riso que é o sentido do teatro na sua inteireza.

Criamos com o Teatro Lambe-lambe a escola do futuro que já está em pleno funcionamento e seu lugar é o mundo. Contudo, concluímos dizendo que nossa raiz é a tradição do teatro de bonecos e seguimos este rumo, esta é a nossa natureza.

Precisamos ser difundidos, porém, devemos honrar a nossa natureza cultural, social, ambiental e solidária.

Teatro Lambe-lambe  
Caixeiros Viajantes. Salvador/BA, 2011  
Prêmio Cultura Viva 2010





# O Lambe-Lambe

**Denise Di Santos**

Criadora do Teatro Lambe-Lambe

Salvador - BA

O TEATRO LAMBE-LAMBE é uma metáfora. Um espaço cênico miúdo que se agiganta quando a função acontece. É a poesia que domina o coração e os sentidos do expectador dando-lhe o êxtase e o prazer da unicidade e do apoderamento. É a força da energia do Animador que transforma e brinca com o VIR A SER. É o tempo minimizado pela síntese da dramaturgia. É a voz do Camêlo [vendedor ambulante] nas calçadas da avenida, é um colorido cênico na vitrine da fantasia. É um resgate de almas, é O REPENTE do Mestre Bule-Bule que me emociona com suas cantorias. É o mistério do “Encontro do Dia com a Noite”. O Teatro Lambe-lambe é uma transformação de vidas.

É o segredo do meu “Parto” sobre o olhar poético de Ismine.



# Parece Brincadeira...

**Pedro Boneco Dias**

bonequeiro catarinense que atua pelo meio do mundo  
atualmente em Olinda-PE

...mas não lembro exatamente o ano [acho que foi 1995] em que o bonequeiro Antônio apresentou, a mim e ao meu companheiro Marcelo de Souza, o Teatro Lambe-lambe. Antônio Bonequeiro, como gostava de ser chamado, aprendeu com Denise Di Santos, uma das inventoras dessa nova modalidade de teatro de bonecos, por ocasião de uma oficina na Aldeia de Arcozelo. Logo após conhecer a novidade trazida por Antônio, ficamos interessados em ter um brinquedo com a mesma linguagem. Então, mergulhamos na invenção e criamos as primeiras Caixas de Teatro Lambe-lambe catarinenses.

Na época, Marcelo e eu iniciávamos uma pesquisa com bonecos no Grupo Canhoto e apresentávamos o espetáculo do Grupo Meu Grupo: Brincando de Teatro. Para mim o Lambe-lambe foi uma lição de teatro de bonecos, principalmente porque essa invenção tem praticamente toda a estrutura de um teatro: na caixa, o bonequeiro trabalha a dramaturgia, a interpretação dos pequenos bonecos, figurino dos mesmos, iluminação cênica, sonoplastia e cenários. O espetáculo é curto e não “enche o saco” do espectador mais chato. Geralmente é apresentado para apenas um espectador, ou seja, temos sempre casa cheia para as apresentações. A caixa por si só já faz a propaganda, pois desperta muita curiosidade no público. O Lambe-lambe é excelente para os bonequeiros solistas, pois você pode levar o espetáculo e toda a estrutura física do teatro para qualquer lugar. Assim Antônio fez por muitos anos com sua caixa. Lembro de tê-lo visto pela última vez quando estava em Trancoso-BA apresentando o seu Lambe-lambe.

Em 2006 saímos pelo litoral norte catarinense apresentando nossas caixas pretas. Elas chamavam atenção e as pessoas ficavam interessadas em ver o que acontecia dentro daquelas pequenas caixas. Também fomos ao festival

de Canela e, confesso que pra mim não foi uma boa experiência, pois a minha caixa ainda não havia ficado totalmente pronta. Depois apresentamos no Shopping Center Neumarkt em Blumenau e em outros eventos. Em 1998 fui para Argentina e levei minha caixa de Lambe-lambe, então prontíssima, para o Festival Nacional de Títeres da Argentina na Província de La Pampa. A novidade foi um sucesso no Festival, pois fazia apresentações antes dos espetáculos que aconteciam no teatro local. Perdi alguns deles, porque a fila para assistir o Lambe-lambe era sempre muito grande. Realmente foi uma experiência incrível, já que nossos “hermanos titeriteiros” não conheciam a brincadeira. Lembro que os irmãos Tiarajú e Ubiratan do Anima Sonho também participaram do Festival.

Aqui em Recife e Olinda também fui o primeiro a apresentar uma Caixa de Lambe-lambe. Foi no Festival de Teatro de Rua do Recife, outra experiência maravilhosa, pois apresentei em pontos aonde normalmente o teatro não chega. Fiz apresentações em diversos lugares, especialmente no terminal de ônibus do Cais de Santa Rita durante a madrugada - depois da meia-noite quando os ônibus, chamados aqui de bacurau, saem de hora em hora. Nessa noite pude apresentar para todo tipo de público e a resposta foi muito positiva; todos se encantavam com a novidade. Participei também das edições deste festival em 2001/2002.

Hoje temos, eu e Danielle Dantas, minha companheira, quatro caixas de teatro miniatura e teatro de sombras. Também o Mamulengueiro Jurubeba [do mestre José Júlio] e os bonequeiros Rodrigo e Jonas fizeram e apresentaram suas caixas durante a realização de uma oficina que ministramos no Teatro Gato no Telhado em 2009. Posso dizer com segurança que o Lambe-lambe é para mim uma experiência ímpar, como com certeza o é para cada um que experimenta essa invenção das bonequeiras Ismini e Denise, de Salvador. Sempre que me apresento lembro-me de Antônio Bonequeiro, que foi quem nos apresentou essa maravilhosa brincadeira, essa lição de teatro de bonecos em miniatura.



# Trecos, Truques e Traquitanas

Sérgio Tastaldi

Turma do Papum - Florianópolis - SC

É muito importante ter sempre em mente a possibilidade de fazer um teatrinho que de fato seja um teatro pequeno, compacto e sintético. É claro que o espetáculo não pode ser comprometido, mas o seu transporte e a sua montagem devem ser relevantes. É nessa hora que o equilíbrio precisa ser estabelecido e a redução racional deve ser respeitada: eliminar o que de fato é desnecessário [e muita coisa é desnecessária]. Faça os cortes sem chorar. Em minha opinião, quanto menor a caixa, mais simbólico e deslumbrante é o efeito. Uma caixa muito grande cria uma expectativa que geralmente é frustrada. Nos primeiros segundos o espectador explora o ambiente e fica na expectativa de grandes acontecimentos [que podem não acontecer]. Pense numa caixa pequena e dobrável e, depois, vá aumentando gradativamente o volume, mas só se o roteiro EXIGIR MESMO. O espetáculo não é apenas a ação, é tudo, desde a aproximação do espectador.

Para ampliar o teatrinho existem dobradiças de metal, dobradiças de plástico [especiais para aeromodelos] e dobradiças de tecidos colados que dão excelentes resultados sem aumentar o peso. Ah! O peso! Pondere tudo, por menor que seja. Lembre-se: os pesos vão se somando, se somando e, quando você perceber, vai dar excesso no avião. **ATENÇÃO!** Nunca use MDF. Esse material não dá muita fixação aos parafusos, que se soltam espanando a rosca. E a umidade, então, é a maior inimiga do MDF, que estufa e se desfaz. Mas a razão mais importante é que o MDF é muito pesado, o dobro do compensado com a mesma espessura e resistência. Use papelão “empapelado” com cola branca e papel craft... é excelente. Existe também o poliestireno expandido [coisa de arquitetos e maquetes], mas é um pouco caro. Pequenos sarrafos de madeira [maciça ou compensada] podem ser colados nos cantos para dar maior resistência e permitir o uso de

parafusos na montagem ou nas possíveis articulações. Em casas de ferragens você pode encontrar cantoneiras estreitas de PVC que são muito leves, resistentes e baratas, permitindo furos por onde podem passar eixos de movimento.

Nunca use vidro! O acrílico pode substituir com vantagens: mais leve, mais seguro, e quase inquebrável [mas risca fácil]. O espelho pode ser substituído por acrílico com filme adesivo. Não chega a ser um espelho, mas pelo menos é mais seguro.

Lembre-se que muitos elementos de cenografia podem ser apenas ilustrações ou fotos impressos a laser [em papel fosco], pois os olhos do espectador não distinguem, pela proximidade, o verdadeiro do falso. O que vale é o efeito e a ilusão. Você precisa forçar a perspectiva, ou seja, se você tiver duas árvores, uma atrás da outra, a que estiver atrás deverá ser menor. E assim, todo o cenário: janelas, telhados, muros, pessoas etc. Em cenografia de grandes palcos tudo é projetado mais ou menos assim. Deu pra perceber que o teatrinho é um excelente laboratório, mesmo porque, todo cenógrafo que se preza sempre faz uma maquete. Só que o teatrinho é mais do que uma maquete, é também um GRANDE ESPETÁCULO!!!



# El Instante, el Secreto, el Pequeño Pedazo.

Luciano Bugmann

Cia. OANI de Teatro - Chile

En distintas etapas de nuestras vidas como titiriteros, todos que actualmente actuamos en OANI, conocimos el Lambe Lambe a través de Antonio do Boneco. El enseñó a muchos el arte del Lambe-lambe. A todos nos pasó por la cabeza en algún momento la rareza de un espectáculo para un solo espectador. ¿A quien interesaría mirar por una cajita una historia tan corta? Era una incógnita.

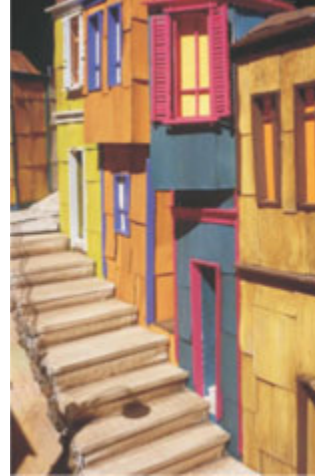
Cuando hice y estrené mi primera cajita en 2007 – El Noviazgo en el Cementerio – el suceso fue tremendo. Una función de 2 horas se transformo en 6 largas horas de trabajo y dejé público sin verla. Algunas dudas fueron borrándose de nuestras mentes.

La compañía OANI es la primera agrupación de Chile en utilizar la técnica de teatro Lambe-lambe. Los trabajos que presentamos – El Noviazgo en el Cementerio, Afuera, Swing y la Trilogía Valparaíso en Lambe-lambe – han estimulado al público chileno. Afortunadamente ya no somos los únicos. El encantamiento que una cajita provoca y la respuesta de los espectadores es un verdadero placer, tanto al público como a los titiriteros. Y ya somos 4 grupos, ya hicimos la 1ª muestra y mucho más viene por ahí.

Reafirmamos la estricta cercanía que tiene la confección de una caja, con una producción cualquiera de teatro; sea de actores o de animación de formas en lo que se refiere el cuidado con la estética, su presentación, el actor manipulador como personaje inserto en el espectáculo, las luces, la música y principalmente la dramaturgia.

Creemos que el teatro se ha reencontrado en este formato tan particular. Frente a un mundo tan fragmentado, a una serie de pequeñas historias con que nos topamos a cada día, cobra sentido una dramaturgia y puesta en escena diminuta, sencilla y que acceda a este espectador hostigado de informaciones de la mañana a la noche.

El espectador se encuentra con un regalo al ver una obra, y estoy seguro que el Lambe-lambe ha dado, o devuelto a las personas que lo ven, la sensación de delicadeza y, ha aportado en que el ser humano se fije en lo pequeño, en lo simple y sencillo. El teatro Lambe-lambe aporta mucho más que en un momento de entretención, detiene su aparcero voyerista a mirar, pero a mirar de verdad. Quizás muchas de estas personas puedan remirar este mundo macro con la riqueza del detalle. De esta forma, cobra mucho sentido la advertencia que hizo Denise Santos en el encuentro de Joinville [1] de la responsabilidad que tenemos los que ponemos una caja en la calle. Tener un Lambe-lambe significa – parafraseando a Antoine de Saint-Exupéry en El Principito – ser responsables por lo que cautivamos. Ser prolijos en las técnicas y los formatos, más o menos tecnológicos, profundos o suaves en los temas, pero extremadamente comprometidos con el espectador que nos asiste y disfruta de esta nueva sensación.





## *Esto es Teatro Lambe-Lambe*

Valeria Correa

Cia. OANI de Teatro - Chile

“Hola” me dice, mientras se va a acercando “¿Para qué sirve esto?”... pienso por unos segundos... “¿para qué? Bueno, la idea es que vivas algo que no vives en tu día normal: una salida, un viaje de tres minutos y medio”. Ahí ella piensa aún más confundida y me pregunta “¿Y qué es?”... “Ahh” contesté, “ESTO es: Teatro Lambe Lambe”.

Se acerca un caballero, guiado o podría decirse que “engatusado”, por una rubia modelo, encargada que difundir nuestro espectáculo dentro del evento. Deja a la modelo y queda encantado con mi sonrisa. Se acerca a mi cajita, y me pregunta “¿No me va a pasar nada?” Mi sonrisa se desvanece un poco, respiro profundo ... “ojalá que sí” le respondo. “¿Se atreve?” -le pregunto y lo ataco de nuevo con mi sonrisa-. Él se sienta en el banquito, tres minutos y medio más tarde emerge desde la tela negra y me mira... “¿Y? ¿Le pasó algo?” - volví a preguntar - ... “no” me responde sonriente... “y a la vez...sí”

La curiosidad, es una fuerza mayor para que alguien detenga su día, sin estar enfermo, ni sentirse mal, por eternos tres minutos y medio.

Termino una función, me despido de mi público y observo en frente a tres chicas, con aspecto de trabajar como periodistas o

diseñadoras, jóvenes y risueñas “¿Quién sigue?” pregunto. La primera me responde: “yo ya la vi ayer” -compartimos mirada y sonrisa cómplice-, la segunda entra en la cajita de mi compañero, y aún queda la tercera, que me mira complicada: “Es que estamos súper atrasadas” -se excusa- “Igualmente van a esperar a tu compañera, mientras tanto, también puedes ver tú” argumenté. Su mirada va hacia su amiga “no te lo pierdas” dice ella y me vuelve a mirar, cómplice. Tres minutos y medio después, la tercera chica vuelve a la realidad “uhhhh....me olvidé dónde estaba... el trabajo de ustedes es maravilloso” y como no se levanta, ni reacciona, las otras dos le dicen “¡apúrate!” y salen corriendo las tres.

Claro, la vida continúa.

A veces nos gusta jugar y decir que en pocos minutos podemos “cambiar vidas”. Sé que suena tremendamente vanidoso, pero también sé, que hay chispazos en la vida que logran abrirnos la cabeza, si bien no la vida entera, esa sensación nos acompaña al menos, por un tiempo.

“Cuando yo pensaba que nada me podía sorprender, veo esto, tan pequeñito...” dice un caricaturista agradecido.

“ohhh... es que es increíble lo que logran... con algo tan... ¡simple!” dice la maquillada esposa de un empresario.

Pero no todo es color de rosa, no señor.

Es difícil ser comprendido, en un mundo donde la apuesta es siempre para MÁS y no para MENOS.

Lo más difícil, es lograr que los empresarios culturales dimensionen completamente lo que estamos hablando y entender por qué exigimos las condiciones que exigimos. “no, no podemos ir al lado de la banda de rock”... “ojalá tuviéramos sombra”... “dos horas es el tiempo de presentación”... requerimientos de “DIVOS” de cajitas Lambe Lambe, “artistas pretenciosos”.

Bueno, lo de no ser comprendidos por los empresarios, no es exclusividad de los lambe-lamberos, a eso nos acostumbramos desde ya, cuando elegimos el arte como profesión.

El espectáculo Lambe Lambe, no es sólo lo que sucede dentro de la cajita, si no que comienza desde mucho antes, con la intervención del lugar y del paso común del transeúnte.

Todo lo que sucede fuera de las cajitas, también es parte del espectáculo.

A veces, contamos con un “Maestro de Ceremonias”, quien explica qué es lo que está sucediendo y capta aún más la curiosidad del espectador, aprovechando los tiempos de espera. Ya sea por disponibilidad o por presupuesto, hay días en que trabajamos “solos”. En esas ocasiones, es precisamente cuando el público -en la espera- comienza a explicarse el fenómeno con la información que cada uno tiene ... porque siempre hay uno que nació para explicarle a los demás, cómo es que el mundo funciona: “son obras de teatro, duran unos minutos no más... son las tres distintas... la técnica la trajeron de Brasil... está inspirado en las Cámaras de fotografía antiguas... ellos te dan un número... espera, que ya termina y ella le entrega uno...” Y yo, desde dentro de mi cajita, trato de no reír ... pero no de risa, si no de emoción, si me río me desconcentro y ... mal que mal... ¡Estoy en plena función!

Pero como ya decía antes, a veces nos sentimos incomprendidos, me pasó hace poco... Al comienzo de cada representación, siempre existe ese momento en que aún no hay nadie que se acerque a ver el espectáculo, ahí estamos los tres mirando, esperando a quien venga primero. Esta vez, un grupo de señoras venía por la calle, de pronto, una de ellas se separa del grupo y se acerca directamente a mi, en dos segundos pienso: “si ella ve la cajita vendrán todas”. La señora va directo al banquito y se sienta. Yo, con los audífonos en la mano, le hablo, ella me interrumpe y me dice: “no, sólo necesito sacarme las medias”. Mientras se saca los zapatos y luego las medias, mueve los dedos de los pies, yo la miro a ella y a sus pies sin saber que decir, se pone los zapatos nuevamente y sigue caminando con sus amigas.

Hay algunos que aun no saben todo lo que se pierden con solo hacer un alto de tres minutos y medio y mirar dentro de una cajita.





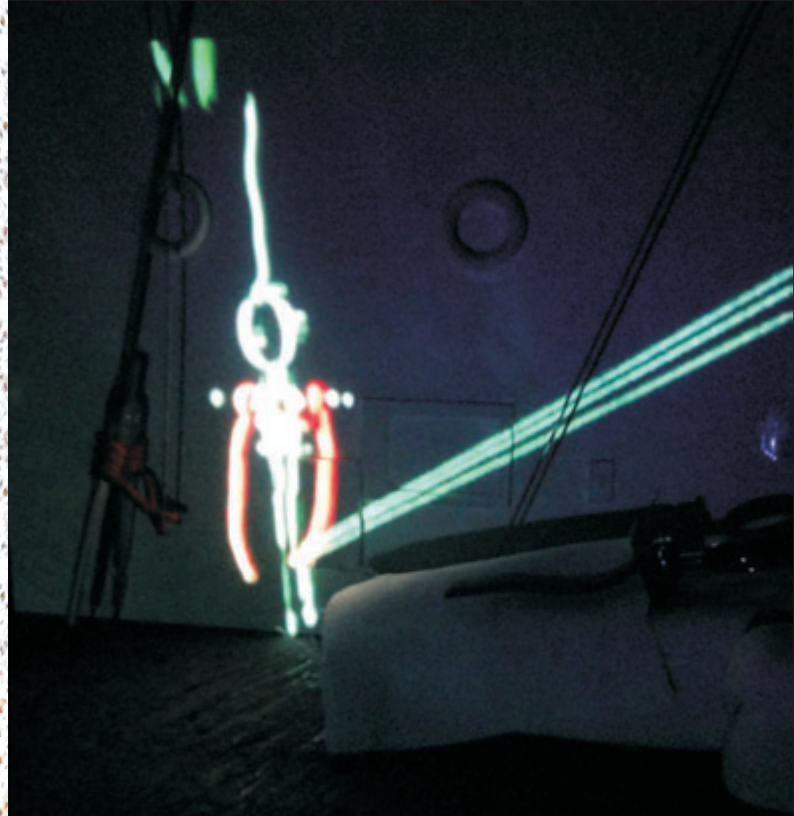
# Lambe-Lambe e Projeção

Leandro De Maman

Coletivo Terceira Margem - Itajaí - SC

Desde que fiquei sabendo do curso de "Teatro Lambe-lambe" [oferecido pela Cia Andante] me interessei em confeccionar uma caixinha, porém, com um detalhe adicional: utilizando projeção digital. O fato de a caixa ser um ambiente escuro, faz com que seja um lugar em potencial para o uso da projeção e, a linguagem dos bonecos também se enquadra com o que venho pesquisando, já que encaro a projeção como forma animada. Mas o que mais me chamou a atenção foi a possibilidade de criar uma estrutura móvel de apresentação, que pode ser utilizada mesmo durante o dia em espaços públicos [meu último espetáculo urbano com projeção só pode ser apresentado a noite], momento do dia em que se encontra maior quantidade de plateia na rua. Para "rodar" as projeções foi utilizado um mini-projetor de LED da 3M que possui memória interna pra vídeo, bateria de até 2h de autonomia, saída para fone de ouvido e baixo aquecimento, que o torna um dispositivo ideal para colocar dentro da caixinha [só faltou um controle remoto - senti falta].

Uma metáfora que já há algum tempo vinha pensando em trabalhar para o elemento da projeção era usá-la como representação de um espírito, já que a luz possui esse caráter leve, intangível. Aproveitei para utilizar esta metáfora como eixo da história de minha caixinha, na qual um objeto deitado em uma cama de hospital, 'passa-dessa-pra-melhor'. Os bonecos foram feitos de objetos duros e metálicos servindo para realçar o contraste entre o pesado e o leve, o sólido e o intangível. Além de um efeito de brilho descoberto depois, durante as filmagens, o que deu um caráter áureo adicional ao "espírito" do boneco.



Creio que um dos elementos que faz o espetáculo funcionar é o fato de os desenhos projetados estarem em constante relação com os bonecos manipulados ao vivo, isto é, a projeção nunca é ilustrativa ou independente dos outros elementos da cena, que é algo que defendo muito no uso de multimídia nas artes presenciais, fazendo com que ele não se torne simplesmente cinema dentro da caixinha.

# Lindonéia por Lindonéia

Bia Barbato

Bióloga, Oceanógrafa e aspirante à atriz.  
Itajaí - SC

A atmosfera intimista do Teatro Lambe-lambe despertou em mim algo muito pessoal. O mote da minha 'história' reflete muito de minha própria história, de como me percebo como mulher, de algumas decepções que vivi e, talvez, até da forma como tento encarar essas decepções.

Quando anos atrás comprei um álbum com músicas do Movimento Tropicalista, um período da história da música brasileira que sempre me atraiu, e ouvi a faixa Lindonéia, interpretada por Nara Leão, eu não imaginava que o fato de me identificar tanto com uma música daria vazão a um processo criativo tão rico e satisfatório para mim.

Embora não pareça, eu sempre carreguei comigo essa coisa de tirar sarro de mim mesma, dos infortúnios que me acontecem, dos encontros e desencontros que a vida nos promove. Dramática por natureza, eu souro um bocado - e reclamo um pouco mais - mas sempre encontrei e encontro no meu íntimo, uma ou outra forma de rir da própria desgraça, como se isso fosse uma maneira de atenuar o sofrimento.

Um “namorado” que tive certa vez me perguntou por que eu usava o nome “Miss Lindonéia” como pseudônimo nas minhas produções literárias. Eu disse a ele que sempre havia me identificado com a letra da canção. Achava que nunca ia encontrar a “tampa da minha panela”, que eu era um fracasso em relacionamentos e sofria amargamente com os desencontros amorosos que me aconteciam.

No livro “Verdade Tropical”, Caetano Veloso narra o mote que deu origem à canção: “Nara Leão encomendou-nos, a mim e a Gil, uma música que tivesse como tema ou inspiração um quadro do pintor Rubens Gerchman chamado Lindonéia, o qual representava, em traços distorcidos e com dolorosa pureza, o que parecia ser a ampliação de um retrato “três por quatro” de uma moça pobre que – dizia o texto título– fora dada por perdida, emoldurada, à maneira kitsch dos retratos da



sala de visitas suburbanas, por vidro espelhado e com decoração floral. Gil fez a música – um bolero entrecortado de iêiêiê – e eu fiz a letra.”

Embora triste, ela tem um quê de engraçada. Para mim, chega a ser uma sátira e, até mesmo a interpretação de Nara, reflete isso. E como disse linhas atrás, eu gosto disso. Dar vida a esse sentimento foi melhor ainda. Desenvolver a minha poética e a minha estética baseando-me numa história e num período histórico que sempre me seduziram, foi uma surpresa. A Jô Fornari colaborou muitíssimo comigo na dramaturgia, tendo a ideia genial de utilizarmos um final inesperado, *trash* e que contrariava a letra da canção, contribuindo ainda mais para satirizar a situação. Era sempre uma alegria quando, durante as apresentações e ao final do espetáculo, eu ouvia a risada do espectador.

Algumas pessoas me perguntam se a dramaturgia do meu espetáculo foi uma forma que encontrei para exorcizar a minha última desilusão amorosa. Eu acho que sim, ao menos parcialmente. Mas, mais do que isso, além de trabalhar a paciência, essa experiência toda me rendeu boas risadas e tardes agradabilíssimas na companhia da Jô, do Láercio e da Sandra, da Laura, do Charles, da Karin, do Leandro e do Marcelo. A possibilidade de ver por outras lentes, escapar do trabalho por vezes moroso no laboratório de oceanografia, experimentar uma linguagem do teatro que nunca na minha vida eu havia tido contato além de vez ou outra, tomar um café com cuca de banana ou geleia de goiaba com as pessoas da oficina, por tudo isso, essa experiência valeu muito a pena.



# Miniatura Feita de Luz

Alice Ribeiro

Grupo Entrelinhas - Novo Hamburgo - RS

Entre os anos de 2000 e 2003, no campo das artes visuais, produzi vários objetos, em sua maioria caixas com luz de diferentes formatos e materiais. De lá para cá o foco de minhas experimentações tem sido a luz e a sombra, em diversas possibilidades de manifestações dessas. Percorro caminhos com os elementos luz e sombra através do teatro, da instalação, do vídeo e da *performance*. Quanto à construção das Caixas de teatro, partiram de objetos muito simples que fazem parte de nosso cotidiano, no qual muitas vezes ressignificamos os artefatos descartados. Considero este momento fundamental, que me conduziu à primeira Caixa de Teatro, em 2004. Chamava-se Caixa Preta Iluminada. Era uma transição daquilo que produzia com elementos abstratos e conceituais dentro das artes plásticas ao teatro de animação, que é minha trajetória diária. Em Caixa Preta Iluminada eu operava luzes, criava efeitos visuais e sonoros, acompanhado de um roteiro sem texto.

Assim, ao brincar com os objetos, os efeitos luminosos, lentes e espelhos, deixava o espectador tirar suas próprias explicações e constatações, uma vez que o espetáculo era bastante subjetivo. Ainda em 2004, construí, então, a caixinha de teatro miniatura, que conta a história O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen. Reduzida para 2 minutos, nela experimentei efetivamente, pela primeira vez, o teatro de sombras. A mim era encantador pensar que seria mágico espiar para dentro da caixa e descobrir um mundo em miniatura tão secreto, tão remoto e real ao mesmo tempo. Mas era preciso perceber se o público e, principalmente as crianças, teriam sentimentos semelhantes. Foi quando, ao longo de três meses no ano de 2005, realizei quase três mil apresentações para crianças de escolas de Educação Infantil na cidade de Novo Hamburgo, no intuito de poder observar se o espectador infantil teria reações similares às minhas. Foi muito gratificante, pois, pude notar na maioria deles, reações de surpresa e de certo deslumbramento com o “segredo” que havia dentro da caixinha. Alguns



teciam comentários breves sobre a história, outros ficavam curiosos em saber como as “coisas” aconteciam dentro da caixa. Após essa experiência percorri festivais nacionais e internacionais de teatro, apresentei-me em praças públicas e comecei a descobrir outros artistas que também atuavam com caixas de teatro. Assim, entre o fazer e o pesquisar, vou encontrando muitas referências em artistas de várias linguagens. Ao me interessar pelas miniaturas e pelas sombras, percebo referenciais artísticos variados, entre eles: O mito da caverna de Platão, Phillippe Dubois, a artista plástica Kara Walker, a cineasta alemã Lotte Reiniger, Peter Pan no filme Em Busca da Terra do Nunca, o conto A Sombra do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, entre outros.

Os desafios de trabalhar com elementos tão pequenos no formato miniatura, sejam eles na elaboração da essência do texto, no tamanho das figuras/silhuetas ou na motricidade fina que precisamos exercitar, e encerrá-los dentro de uma pequena caixa, nos dá o status de poder. Porém, este status é ilusório, pois a maior grandeza encontra-se dentro da caixa. Como nos diz o filósofo Gaston Bachelard em seu livro A Poética do Espaço, “A miniatura é uma das moradas da grandeza” e mais adiante acrescenta “A miniatura estende-se até as dimensões de um universo. O grande, mais uma vez, está contido no pequeno”.

O ato de espiar para dentro do objeto caixa sugere uma provocação no observador/espectador, convidando-o a aproximar-se das pequenas fendas e deleitar-se [ou não] com aquilo que vê. Esse olhar para dentro é como uma brincadeira, um pequeno mistério, um prazer de descobrir algo quase escondido.

Assim, busco em meu exercício diário agregar práticas e conhecimentos que visam fortalecer as reflexões sobre a arte, sobretudo, respeitando-a e dignificando-a.

# Figgada pelo Lambe-Lambe

Amara Hurtado

Atriz e bonequeira

As Caixeiras Cia de Bonecas - Brasília - DF

Em 2002 numa roda de bonecos, assisti pela primeira vez a um espetáculo de Lambe-lambe. No foyer do teatro vi uma caixa preta e uma longa fila. As pessoas sentavam-se e ficavam em silêncio ouvindo e vendo algo muito misterioso e extremamente particular. Tudo era feito somente para uma pessoa. Um espetáculo único!

A fila demorava, alguns desistiram, mas eu permaneci, pois desejava ser presenteada com o mistério daquela caixa preta. Chegou minha vez e, como num passe de mágica, olhei dentro daquele buraco e um mundo encantado apareceu, recheado por uma pequena boneca, uma luz e uma voz que narrava uma história.

“Que lindo! Que poético! Meu Deus, eu quero fazer isso!” - pensei.

Mal sabia que naquele dia tinha sido figgada pelo Lambe-lambe. Um teatro para poucos, cheio de detalhes, que preenche cada curva do olhar de quem assiste e cada músculo de quem o faz. Tão pequeno e tão intenso!

Cinco anos se passaram e aquela primeira experiência de assistir um Lambe-lambe me acompanhava. Estava inquieta, sentia que podia ser o momento certo de me jogar no novo desafio... sair do grande tablado para entrar no micro-teatro.

O pulo foi dado e quando me dei conta estava dentro de uma caixa.

Estranho, de repente me senti como Alice ao beber o líquido que aumenta de tamanho porque parecia que eu não cabia naquele pequeno espaço cênico. Minhas mãos ficaram rígidas e até mesmo rudes, sentiam dificuldade de lidar com a delicadeza da miniatura. E a história?! Como assim contar isso em dois minutos?! Loucura!

Desafio! Delicioso desafio! Aperta dali, solta de lá! Relaxa os braços, enraíza as pernas, alonga os dedos. Coloca esse pano, tira o pano,

coloca essa luz, tira a luz, refaz o cenário, troca o figurino, tira, troca, muda, remexe, refaz, puxa, estica, corta... Tão pequeno e tão grande esse Lambe-lambe! Pequeno em sua forma e enorme em sua capacidade de agregar e criar universos tão mágicos e encantadores.

De lá pra cá muitas coisas mudaram, principalmente a maneira de me sentir e perceber o outro, pois, em tão pouco tempo, sou capaz de contar uma história, operar luzes, manipular mais de um boneco, abrir e fechar cortinas, ligar e desligar o som e, ainda, ver e me emocionar com olhos abrindo-se admirados, assustados, em plena compaixão, hipnotizados, surpreendidos ou, então, ouvir aplausos, uma boa gargalhada, exclamações que dizem: “que lindo!”, “quero mais!”.

E assim, dessa forma posso dizer que, desde que fui figgada, muitas coisas aconteceram, inclusive o surgimento do primeiro grupo em Brasília a fazer Teatro Lambe-lambe: As Caixeiras Cia de Bonecas e, tenho certeza que muitas outras irão acontecer porque essa “lambeção” é boa demais e não dá pra parar!







O olhar encanta, o sorriso é a melhor recompensa que o espectador nos dá. Criando bonecos com materiais que iam para o lixo, crio os meus personagens para a Caixa de Surpresa.

Hermes Perdigão  
Belo Horizonte - MG

# Apresentações do Segredo da Bruxa em Teatro de Lambe-Lambe

Mery Petty

Cia Alma Livre - Jaraguá do Sul - SC

## Lambe-Lambe X Não Tenho Tempo

E o cidadão está correndo. Sempre correndo!

-Ei! Você quer assistir meu espetáculo?

-Não! Não tenho tempo!

-Dois minutos e 34 segundos. Você tem esse tempo?

-É, esse tempo eu tenho...

-Então senta aqui e veja!

E de repente o cidadão tem uma novidade pra contar. Algo que o fez parar. Que modificou sua caminhada diária. Que tirou do foco seu olhar pra ver algo inusitado. Inimaginável!

E daí? Isso não muda nada no mundo. Tudo continua a girar como antes. Os cidadãos continuam correndo como antes. Sem tempo como antes...

Talvez o mundo não tenha mudado, mas o cidadão, quem sabe. Não sei! Quem vai saber?

## A Caixa é Mágica

E quem tem tempo, tem também uma pergunta.

A pergunta que não quer calar... Que diabos é isso?

O movimento é até interessante, mexe, monta, testa, ajeita... Senta um,... senta dois,... senta mais,... e mais,...

- Será que vou ter mesmo que ver isso mais de perto? Logo eu que sou tão esperto?

Ok. Você venceu! Eu não sei do que se trata, pode me explicar?

E depois que assistiu...

Um sorriso se instala no rosto da figura!!! Isso é a mágica...

## Criança no Lambe-Lambe

- Filha, olha a bruxinha. Ela é boazinha. Quer ver no buraquinho?

A filha ressabiada, confia na mãe e vai olhar. Olha atentamente. Encara a bruxa quando ela aparece fazendo seu feitiço em frente ao caldeirão.

No final, leva um susto!

A mãe ri e a filha conta, ainda nervosa, o que viu. É a vez da mãe!

A filha ronda a caixa esperando pelo susto da mãe. A mãe se assusta e ri. Saem rindo...



## Criança no Lambe-Lambe

- Pai, olha lá a bruxa! Vamos lá, Pai! Eu quero ir! Pai senta, põe filho no colo pra alcançar no buraquinho de espiar. Olho de criança consome tudo, olha tudo sem parar.

E a bruxa finalmente aparece...

- Pai, chega! Não quero mais olhar... Risos de pai no ar!!!



# Nos Tempos de Globalização

**Marcelo Mello**

Organizador da Mini Mostra de Teatro Lambe-lambe  
Joinville - SC

Nos tempos de globalização e de grandes intervenções de mídia, generalizamos os nossos sentimentos expondo-nos ao “Grande Irmão” de Orwell, que tem o seu reflexo nos reality shows que infestam a nossa civilização.

O que era segredo, motivo de acanhamento, passa a ser supervalorizado, invertendo alguns valores. Exemplo? Próteses! Uma intervenção cirúrgica estético-corretiva era escondida, torcendo-se para que ninguém a descobrisse. E agora as pessoas se orgulham de próteses estéticas exibindo-as com vaidade e anunciando-a aos quatro ventos!!! As siliconadas que o digam!!!

Ter inserções no youtube, contar quantos acessos ocorre, é símbolo de status.

E assim, o coletivo engole a intimidade e massifica o pensamento.

O Teatro Lambe-lambe resgata nossos valores primitivos mostrando justamente como a nossa individualidade ainda importa. Como espectadores dessa linguagem teatral, sentimos compartilhando uma cumplicidade, valorizando-nos como seres humanos dignos de merecer a intimidade de alguém. Revivemos a figura do “amigo confidente”...aquele “melhor amigo”! Aquele para quem a gente abre o interior e não mostra a fachada que o mundo vulgarizado espera que mostremos.

Não importa se esse espetáculo [mini pelas dimensões físicas, mas não pelas dimensões humanas] se apresenta como um haikai, uma fábula, uma tira de quadrinhos, um segredo ou puro

entretenimento. O Lambe-lambe valoriza aquilo que estamos deixando de lado, nosso interior.

Teatro de animação existe há muito tempo. Teatro intimista também. Mas a massificação “youtubeana” que veio com a tecnologia e com a transformação de valores, é uma coisa de nossa contemporaneidade. O Lambe-lambe veio como antídoto para essa epidemia.



# Os Rumos do Lambe-Lambe

Sandra Knoll  
Cia andante  
Itajaí - SC

Que estética é essa? É teatro? É o que?

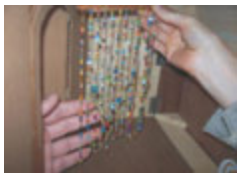
Neste tempo em que tenho adentrado na prática do Lambe-lambe já ouvi muitas reflexões sobre essa arte. Isso sim não podemos deixar de concordar, é uma arte.

O Lambe-lambe, também chamado de Teatro Lambe-lambe ou teatro de miniatura por alguns, vem crescendo e ganhando muitos adeptos.

Muitas pessoas que, mesmo nunca tendo tido contato direto com o teatro, se encantam ao ver e logo querem ter a sua caixinha. Cada um com seus motivos e motivações, o Teatro Lambe-lambe vem ganhando vertiginosamente adeptos pelo mundo afora. Linguagem artística genuinamente brasileira, criada na década de 80 por duas mulheres com sensibilidade fora do comum, ainda pisa num terreno que não se definiu como 'isso ou aquilo'.

Historicamente uma era, uma geração, uma época, só vem a ser definida muito tempo depois.

Acredito que o Lambe-lambe não precisa se preocupar em ser definido. Não é necessária essa preocupação. Ele deve ser experimentado, degustado, inovado e tantas outras coisas que forem necessárias pra que ele se perpetue e ganhe seu merecido espaço. Mas não podemos deixar de dizer que, como linguagem artística - seja ela qual for - deve ser feita com maestria, dedicação, respeito e muita, mas muita competência e beleza.





# Sobre Teatros e Galáxias

Laércio Amaral

Cia andante

Itajaí - SC

No ano de 2011 foram laureados com o prêmio Nobel de Física, três cientistas que comprovaram que o universo está em acelerada expansão.

Verificamos que o universo do Teatro Lambe-lambe também está se expandindo rapidamente: este ano no estado de Santa Catarina aconteceram mostras em Joinville, Jaraguá do Sul e em Itajaí.

Apresentações, oficinas e debates. Construção de caixas, dramaturgias e poéticas. Velhos e novos artistas engajados na divulgação e aprimoramento desta manifestação teatral.

Como contribuição a este movimento que se amplia e fortalece, neste espaço enfocarei dois aspectos: a fisicalidade do ator-manipulador e o treinamento corporal desenvolvido pela Cia andante.

No Teatro Lambe-lambe, o ator-manipulador acomoda o seu corpo para repetir diversas vezes o espetáculo, sucessivamente. Nossa experiência demonstrou que normalmente ficamos apresentando em torno de duas horas, praticamente sem intervalos. A exigência física é considerável: posição dos braços e ombros, movimentos dos dedos, mãos, pulsos e cotovelos. É também bastante exigida a estrutura de quadris, pernas e, principalmente, da coluna vertebral durante todo o tempo das apresentações. É fundamental um bom aquecimento.

Na sua aparente simplicidade, o Teatro Lambe-lambe vem demonstrando que, à medida que se aprofundam as práticas e as pesquisas – como em toda e qualquer manifestação artística – se amplia também o grau de complexidade em todos os níveis.

Artistas de formações diversas, nós da Cia andante, além dos variados treinamentos físicos que estabelecemos em diferentes situações, encontramos na prática regular do Yoga uma forma bastante eficaz para o desenvolvimento e a manutenção da prontidão física.

Esta prática milenar, originária da Índia, busca trabalhar o corpo e a



mente através de posturas, movimentos, técnicas de respiração, mantras [sons] e meditação.

O universo do Yoga é vasto e complexo. Como o do Teatro.

O entrelaçamento destas manifestações se mostrou intensamente rico para nós e a apropriação das técnicas do Yoga em nosso treinamento, como atores e manipuladores, vem nos estimulando a pesquisar cada vez mais as sutilezas deste aprendizado.

Nas palavras do sábio indiano Ratnasara: “Aquele que percebe a verdade do corpo pode vir a conhecer a verdade do universo”.

Dentro da galáxia cênica, o Teatro Lambe-lambe é uma nova estrela que une, gravitacionalmente, uma variedade astronômica de novos saberes e fazeres, e neste sentido, é fundamental uma dedicada atenção para aquilo que está na essência do fazer teatral: o corpo do ator.

# O Tempo das Coisas...

Jô Fornari  
Cia Andante  
Itajaí - SC

Vinte e dois anos se passaram.

Desde sua criação, por Ismine Lima e Denise di Santos, o Teatro Lambe-lambe vem crescendo.

Ele cresceu, expandiu, amadureceu e ganhou o mundo. Em sua maioridade, espiamos por pequenas aberturas o seu belo desabrochar.

Ouso dizer que, em 2011, o Teatro Lambe-lambe se consagrou em Santa Catarina. Provavelmente o único estado brasileiro que, apenas em um ano, realizou quatro mostras, nove oficinas, uma circulação de espetáculos a nível estadual, publicou uma revista e oportunizou a formação de vários novos caixeiros. Foi um ano de florescimento, sem dúvida.

Desde os anos 90, quando Antônio Bonequeiro trouxe a novidade a estas paragens, não havíamos presenciado tamanho interesse e movimentação.

Talvez ainda seja pouco e, de fato, pouco importa a quantidade; mas é relevante considerar o significado desta expansão em terras catarinenses.

Vejo-o como reflexo de um movimento apaixonado, maduro, profissional e fomentador da linguagem, oriundo de projetos de pesquisa, de montagem, de formação e de parcerias entre artistas. Estes são os pilares que sustentam o movimento. Trocas generosas e consistentes.

Para nós da Cia andante, foi fundamental investir no Projeto ESPIA SÓ! [formação, pesquisa e montagem], que nos impulsionou a continuar nos caminhos do Teatro Lambe-lambe e estreitar os laços com Marcelo Mello, de Joinville e Mery Petty, de Jaraguá do Sul, ambos entusiastas desta linguagem e precursores deste momento.

Através desta fecunda parceria começamos a fortalecer ações de fomento para o Teatro Lambe-lambe. Estas ações foram: pensar,

elaborar e aplicar metodologias de formação para novos caixeiros, um desafio e tanto!

Lançar olhares específicos na criação de uma oficina, de um curso, decodificar bases e estruturas para o processo de montagem do Lambe-lambe, é tão fascinante quanto fazê-lo.

E assim, neste ano em especial, arriscamos experimentar métodos e formas, angariamos vários acertos e proveitosos erros e, dessa forma, fomos sistematizando metodologias.

O tempo das coisas...

Foi uma aposta em novos fazedores do Lambe-lambe, uma oportunidade para ensinar e de muito aprender.

Aprender que, o aparentemente simples, é o que impulsiona as pessoas à magia das caixas: é possível, para qualquer pessoa, construir seu Teatro Lambe-lambe. E é fascinante o resgate deste brincar despreocupado que alicerça nosso senso estético e alimenta a poesia que nos constrói no construir dos espetáculos. A técnica... bem, a técnica também está dentro do tempo das coisas.

E que as poéticas vivas desses pequenos teatros possam transformar o olhar daqueles que, por um momento, mergulham no universo dessas caixas misteriosas.

